

Algazarra: revista do grupo de pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem/
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUCSP. – n. 4 Edição
(dezembro 2016). – São Paulo : PUC-SP.

Semestral ISSN 2317-3971

Coordenação do programa

Eugênio Rondini Trivinho (Coord.) José Luiz Aidar Prado (Vice-Coord.)

Coordenação geral do grupo/ Editor científico

Amálio Pinheiro

Editora executiva

Silvia Regina de Jesus Guimarães

Conselho editorial

Mila Goudet Dirceu Martins Alves Luís Fernando dos Reis Pereira

Preparação e revisão dos textos na edição

Victor Marques

Luiza Rosa

EDITORIAL

É com grande prazer que apresentamos o nº 4 da Revista Algazarra do Grupo de Pesquisa *Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem* do COS-PUCSP.

1

Esta edição prolonga e esmiúça um dos fundamentos de nossas pesquisas: para fazermos frente às visões precárias e às abordagens parciais, porque panorâmicas e generalizantes, das sociedades e seus textos/processos, é necessário que as considerações teóricas, de cunho temático-ideológico, se façam seguir ou preceder por análises concretas e pontuais em que os objetos sejam, interna e externamente, expostos como prática visceral cotidiana situada. Isto obriga a uma virada de chofre sensitiva (e depois bibliográfica) do pesquisador: ao invés de isolar-se, via mente “superior” de gabinete, do mundo das coisas, deve escutar o coro anônimo de vozes e gestos que, como uma espécie de plâncton ou fécula, constitui os materiais mundanos que, em devir e movimento, entram na composição de poemas e canções, filmes e novelas. O difícil é imiscuir-se, sujar-se na variada e miniatural nervura do real da terra pesquisada, onde flutuam gentes, bichos, plantas e texturas de toda ordem, e de onde as células e germinações se traduzem em sílabas, frases, vozes, cenas, peças, canções.

Reproduzamos, a propósito, este seguinte trecho de Machado de Assis (“O ideal do crítico” em “Obra Completa”, vol. III, Nova Aguilar, RJ, 1992, pg. 804), citado por Haroldo de Campos (“Le baroque: la non-enfance des littératures ibéro-américaines – une constance et une perdurance” em “Résurgences baroques”, La Lettre Volée, Bruxelas, 2001, pg. 93) num oportuníssimo artigo sobre o caráter diferencial da literatura barroca no Brasil (onde este último mostra a força da permanência de um barroco alegre e fusionista nascido da mestiçagem dos materiais do corpo, da paisagem e da cultura); Machado, já em 1865, chama a atenção, não apenas para os temas locais, mas para algo, uma potência dos sentidos, que denomina, à falta de melhor palavra, “certo sentimento íntimo”:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

O autor carioca desenvolveria cabalmente o assunto no conto “Um Homem Célebre” (“Obra Completa, vol. II, 1992, pg. 497), na emblemática e atualíssima figura do protagonista Pestana.

2

Vale a pena um exemplo marcante. Quando Dorival Caymmi, neste trecho de *Dora*,

*Ô Dora... Agora...
No meu pensamento eu te vejo
requebrando pra cá, ora pra lá...
Meu bem!
Os clarins da banda militar
tocam para anunciar:
sua Dora agora vai passar,
venham ver o que é bom!*

explora todas as montagens e espelhamentos do nome próprio e as recompõe com os requebros da mulher no Recife festeiro, traduz o movimento dos quadris nas festas urbanas para ondulações vocais e silábicas entre a rua e o canto. A aceleração e expansão das dobras aliterantes do nome se deixam acompanhar pela ampliação, num crescendo, em cada verso, da voz, que recupera a gíngua sincopada das ancas na garganta (por exemplo, movimentos de semitons, no meio de palavras e versos, como em *reque/brando*).

Aqui estamos dentro de um modo de conhecimento anterior às separações entre pensamento e corpo e entre lírica individual e práticas coletivas anônimas. O espírito (qualquer que seja o nome que se dê a esse alvoroço jubiloso do mistério) está na matéria, ligando a alma às coisas: *No meu pensamento eu te vejo / requebrando pra cá, ora pra lá...* Os modos de conhecimento lúdicos da cultura da multidão encadeiam-se com o sofrido diálogo lírico do “eu” ou “tu”, superando-o. De quebra (trata-se de requebros ondulantes dos quadris, da voz e das letras), mostra-se aqui uma força do feminino a partir da alegria vital das formas da paisagem urbana, liberado já das oposições ao masculino. O corpo/voz é o lugar melhor situado de todas essas traduções. Mas isso só é possível pela análise dessa orquestração interna/externa que o sambacação (poema-samba) põe à mostra nos seus encaixes, reentrâncias e bordaduras. O campo social de tais tessituras provém das bases telúricas plurais, às quais Lezama Lima (“Confluencias”, Letras Cubanas, Havana, 1988, pg. 105) já delineara, em meio e apesar das mazelas colonizantes, na formação musical e dançante de Cuba:

A mesma diversidade das gentes, que sublinhamos no contraponto social que se vai formando, prateiros ou doceiros, guerreiros ou escrivães, encontramos-la nos conjuntos que nossos primeiros músicos vão integrando. Aparecem, pelos mesmos anos, fins do século XVI, quatro músicos. Um de Málaga, outro de Lisboa, um terceiro de Sevilha e uma negra livre de Santiago de los Caballeros. Esta diversidade de influências, étnicas e artísticas, aprofunda nossa música desde os seus princípios.

3

Este número da Algararra foi dividido em três partes (cada uma contendo três artigos): 1) corpo e processos audiovisuais; 2) corpo e música na cidade; 3) crise, tradução e processos sociais.

Parte I. **Elaine Souza Resende Sklorz** analisa, em “Tecnologias afetivas, corpos afetados – apropriações culturais via telefone celular”, como as tecnologias dos celulares propiciam traduções diversas por corpos situados em paisagens urbanas distintas, isto é, “os padrões socioculturais de uma população resultam em modos singulares de uso de uma tecnologia”. **Orlando Garcia**, em “A imagem do índio na câmera do vídeo”, mostra a relação entre corpos e ambientes, “a partir de imagens produzidas pela câmera de filmagem da série documentária XINGU”. Ressalta aí “o movimento do corpo indígena em função da câmera no ombro e da produção/edição”. **Adriano Messias de Oliveira**, em “Um “novo” cinema e um “novo” corpo: estatutos do teratológico em filmes fantásticos”, trata da evolução e das mudanças das representações do teratológico no cinema. O objetivo é compreender melhor “as construções específicas do cinema fantástico, no decorrer dos séculos XX e XXI, no que diz respeito aos estatutos cambiantes do corpo monstruoso e das representações do teratológico”.

Parte II. No artigo “O fandango de esporas e a façanha mestiça de reinventar-se na cidade”, **Eloísa Leite Domenici** desdobra as interações entre tropeirismo, tradição cênico-poético-musical e modas de viola no interior paulista: O fandango de esporas, trazido para as cidades, ressalta pela “riqueza poética de suas modas de viola, a vitalidade de sua dança sapateada e a religiosidade marcada pela devoção a São Gonçalo, um santo violeiro que gosta de música e dança”. **Vagner Rodrigues**, em “O corpo e a cidade: dobras e curvas nos passos do tango”, apresenta a dança argentina como um modo mestiço de estruturar o movimento do corpo na cidade: “dança criada coletiva e anonimamente a partir de recortes, conexões, curvas, dobras e encaixes; a linguagem de seus passos tem como base de formação os procedimentos mestiços de organizar as misturas”. **Cibele Simões Kerr Jorge**, em “A crítica social na obra de Raul Seixas”, relaciona humor e crítica social na obra do compositor baiano: “A crítica em seu trabalho tem uma abordagem humorística, que se dá, por vezes, em forma de sátira; surge do seu inconformismo”.

Parte III. **Maria Lúcia de Paiva Jacobini** desenvolve vinculações entre a noção de crise e o *homo sacer* de Giorgio Agamben no espaço socioeconômico brasileiro, em “A América Latina no discurso da crise econômica mundial: um questionamento sobre o papel dos meios de comunicação como agentes de mudança”: “a hipótese é que o contexto de crise evidencia um estado de exceção permanente dentro da ordem econômica mundial; neste estado de exceção, os países em desenvolvimento poderiam ser entendidos como uma extensão da figura do *homo sacer* proposta por Agamben”. **Munir Lutfe Ayoub**, em “Odin x Thor: a briga mitológica com fundo social”, expõe a relação entre mitologia e vida social a partir do mundo Viking: “Thor e Odin serão aqui observados como produções mitológicas, sociais e culturais dos povos escandinavos”. **Sonia Guggisberg**, em “O procedimento da tradução na cultura e sua condição mestiça”, amplia o importante conceito de tradução: “esta assume a forma de um procedimento de interpretação, com o propósito de identificar questões comuns, mas também os contrapontos, entrelaçando diferenças e deslocando dispositivos de poder dos sistemas políticos, sociais, de representação das diversas sociedades”.

Amálio Pinheiro
setembro de 2016